

MULHERES QUILOMBOLAS DE VILA JUAZEIRO: memória, trabalho e educação familiar

Benedito de Souza Santos¹
estudentedeafrika@hotmail.com/ bssantos@uneb.br

Edmundo de Jesus²

Mônica Clementino de Menezes³

monica-cmenezes77@hotmail.com

Núbia dos Santos Américo de Jesus⁴

nubiajuazeiro@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da necessidade de se conhecer melhor as mulheres da comunidade quilombola de Vila Juazeiro e suas influências na educação de seus familiares, especialmente seus filhos e netos. Optamos em trabalhar esse tema por causa do protagonismo desempenhado por essas mulheres. Como referencial teórico utilizamos Pollak (1993), Freitas (2002), Ki-Zerbo (2010), Vansina (2014), Le Goff (1990), entre outros que contribuíram para compreensão da temática ora apresentada. O resultado da pesquisa realizada com essas mulheres demonstra que as mesmas apresentam uma vida simples e possui forte vinculação com a terra, ao tempo que participam ativamente na participação da economia, política e na educação dos seus filhos.

PALAVRAS-CHAVES: MULHERES – QUILOMBOLA – EDUCAÇÃO.

1. INTRODUÇÃO

Os quilombos representam um espaço de “liberdade” negra, onde o patrimônio simbólico da população negra brasileira (a memória cultural da África), afirmou-se como território político-mítico-religioso com capacidade de transmissão e preservação das experiências dos sujeitos. Isso é percebido, nas músicas, nos terreiros, nos sincretismos religiosos, nas festas. Ainda segundo Carneiro (2001) o quilombo foi, portanto, um acontecimento singular nacional, seja qual for o ângulo por que o encaremos. Essa constatação pode ser confirmada, de acordo com a pesquisa apresentada por Corral (2005, p.09), que apresenta as “desigualdades ainda presentes na sociedade brasileira afetam diretamente as mulheres negras”.

¹ Graduado em História e graduando em Sociologia (UNEB), especialista em História da África (CEAA-UCAM) e Mestre em Estudos Africanos CEAO-UFBA). Atualmente é professor substituto de História da África e História e Cultura Afro-brasileira da UNEB Campus X – Teixeira de Freitas e professor assistente de Sociologia da Faculdade do Sul da Bahia-FASB.

² Graduando em Licenciatura de História UNEB Campus X – Teixeira de Freitas/ PARFOR.

³ Graduanda em Sociologia da PARFOR/ UNEB Campus – X/ Teixeira de Freitas-Ba.

⁴ Graduanda em Licenciatura de História da PARFOR/ UNEB Campus – X/ Teixeira de Freitas-Ba.

Utilizamos como referencial teórico Pollak (1989), que defende que a nossa memória está vinculada à memória coletiva, sendo assim, a nossa memória não é construída de maneira isolada, pois ao lembramos de acontecimentos, das tradições e costumes, estas, são ações coletivas que montam a nossa memória individual. Vansina (2010) contribuiu com seu estudo sobre a tradição oral que, segundo o autor, se diferencia da transmissão escrita porque tem a oralidade como principal característica. Este recurso permite que as memórias sejam repassadas às gerações seguintes; ao transmitir conhecimentos acumulados fica garantida a manutenção de determinada tradição. Ainda concordando com Matos e Senna (2011) que compreende a memória enquanto construção do tempo presente vivenciadas no passado. De acordo com essa interpretação, na medida que os sujeitos formam redes de relações e ampliam essas redes, cria-se uma interdependência entre o que é individual e o que é coletivo; assim as memórias individuais e coletivas se encontram, se fundem e se confundem.

O maior desafio enfrentado foi a resistência da produção historiográfica para valorizar a ressignificação da história, memória e identidade do grupo, uma vez que compreendendo que a manutenção da cultura da população quilombola é um processo representado pelo acúmulo de aprendizado adquirido e transmitido na vivência coletiva e individual sem registro que atenda a perspectiva da historiografia convencional. Esse trabalho foi motivado também pela nossa relação existente com a comunidade, pois todos os pesquisadores são quilombolas, sendo que dois são oriundos de Vila Juazeiro (Edmundo e Núbia).

2. PROTAGONISMO DAS MULHERES QUILOMBOLAS

Nesta sessão apresentamos as mulheres negras como protagonistas com importantes contribuições no processo de construção da história do Brasil. Por outro lado, apesar de sua importância, foram esquecidas pela historiografia tradicional, pois não é fácil encontrar na literatura histórica brasileira relatos que apresentam a participação dessas mulheres negras nas conquistas alcançadas nos aspectos políticos, sociais ou econômicos.

As mulheres vindas da África nos porões das naus portuguesas no século XVI até meados do século XIX – quando o tráfico foi proibido depois da aprovação da Lei Eusébio de Queirós –, desenvolveram importantes mecanismos de sobrevivência à realidade da escravidão na América Portuguesa. Essas mulheres estiveram na labuta das plantações dos canaviais, na

mineração e posteriormente, nas plantações de café, assim como nas cozinhas das casas grandes. Foram amas de leite e quitandeiras – atividade exercida pelas escravas de ganho com seus tabuleiros vendendo doces e comidas nas ruas, lavadeiras, lutadoras nas revoltas contra e escravidão e a opressão racista. Libertas ou escravas, resistiram a discriminação e estão presentes na história do Brasil. Mas, apesar da evidente presença, foram esquecidas nas narrativas oficiais, demonstrando que apesar da suposta convivência pacífica entre os indivíduos, não há igualdade quanto a visibilidade do protagonismo da população negra, especialmente das mulheres quilombolas.

Nos últimos cinquenta anos as lutas das mulheres negras têm se intensificado através das lutas dos direitos civis; as organizações de mulheres negras fizeram uma interação/ entre a luta feminista e as questões raciais e fortaleceram os movimentos negros, permitindo a incorporação do racismo como uma variável das desigualdades, inclusive entre as mulheres. No entanto, ainda se constata desigualdades na sociedade brasileira que afetam diretamente as mulheres negras. Isso por consequência do descaso das políticas públicas que atendam a especificidade da realidade das mulheres negras.

Essas são remanescentes e oferecem contribuições pela continuação do que chamamos de cultura afro-brasileira. A historiografia tradicional e eurocêntrica não protagoniza a história do negro, ou melhor, não apresenta o negro enquanto sujeito no processo histórico porque representa os interesses – através da narrativa histórica – da classe dominante. Diante do exposto pretendemos conhecer melhor a comunidade de Vila Juazeiro. Pretende-se fazer uso metodológico da história oral porque apresenta possibilidades dentro da perspectiva da tradição oral que *“até recentemente [era] desconhecida, aparece hoje como uma preciosa fonte para a reconstituição da história”* (Mahtar M’Bow, 2010, p. 23). De acordo com Queiroz (1988, p.19):

Dentro do quadro amplo da história oral, a “história de vida” constitui uma espécie ao lado de outras formas de informação também captada oralmente; porém, dada a sua especificidade, pode igualmente encontrar um símile em documentação escrita. Trata-se de tipos de documentos próximos uns dos outros, mas que é necessário distinguir, pois cada qual tem sua peculiaridade de coleta e de familiaridade.

As mulheres agrícolas/quitandeiras conseguem ensinar seus filhos a reproduzirem com eficiência o aprendizado empírico transmitido a gerações por seus “ancestrais”, como por exemplo a cultura das religiões africanas e afrodescendentes, ressaltando que a chegada de

homens e mulheres negras no país se deu ainda no século XVI, como resultado do processo desumano e desrespeitoso de escravidão.

2.1. Maria Dominga Manoel Dias⁵...

Filha de Angelino Manoel dos Santos e de Jacinta Maria dos Santos. “Nasci aqui mesmo no município de Ibirapuã-Ba, tenho a Idade de 51 anos, nasci na comunidade de Vila Juazeiro, ou melhor, nasci na terra dos meus pais que era perto daqui. Tive a infância boa, todos os dias todos ia pra roça quando voltava tomava banho de rio.

“Não estudei. Naquele tempo era muito embaçado, no lugar que tinha muito menino eles iam, eu não tinha companheiro⁶. Juazeiro também não tinha professor certo, eles viam e iam embora. Depois de Dona Maurina a escola melhorou, mais eu não ia. Minha vida era mesmo trabalhar na roça, criava muito porco e vendia muito porco; a minha mãe não quis que agente estudava; eu escutava meu pai mandando ela ir pra rua⁷ pra nós estudar ela dizia eu não tenho costume com cidade, não gosto de cidade por isso não vou, eu era muito apegada com a minha mãe e por isso não ia”.

“Casei com um rapaz da comunidade chamado Osvaldo. Casei novinha com 17 anos mais continuei na comunidade. Engravidei rápido, tive 8 filhos; mas sofri cada gravidez, parecia que ia morrer, ficava fraquinha não alimentava direito eu não tinha acompanhamento médico, naquele tempo era muito difícil tudo, eu levava meus filhos pra roça todos os dias; eles também trabalhavam na roça”.

“Foi o que eu aprendi e também ensinava pra eles, mas eu passei um pedaço difícil casada e de repente o meu marido sentiu uma dor de cabeça e a minha filha também tudo no mesmo dia com febre e dor de cabeça vomitando. O povo pegou a menina e levou pra Teixeira de Freitas chegando no hospital ela morreu. Trouxeram o corpo. Eu estava grávida no mês de

⁵ Entrevista realizada em 15 de março de 2014.

⁶ A entrevistada utiliza a palavra companheiro porque na zona rural, na época, não se utilizava transporte escolar; as crianças saíam de casa muito cedo e caminhavam quilômetros até chegarem à escola; atravessando rios e fazendas de criação de gado: tudo isso tornava perigoso para uma criança pequena sair de casa sozinha sem acompanhamento. Na zona rural ainda é comum as crianças saírem sempre em grupos, acompanhadas com irmãos ou vizinhos e ficam nos pontos de ônibus onde esperam o transporte escolar.

⁷ A expressão rua no texto significa cidade, porque no período que a entrevistada era criança as pessoas costumavam se mudar (principalmente as mulheres) temporariamente para algumas cidades mais próximas, no caso de Vila Juazeiro era para Helvécia e Posto da Mata para proporcionarem a seus filhos a possibilidade de estudarem, que não foi o caso dessa entrevistada que não teve oportunidade de estudar.

ganhar menino não podia fazer nada. Enquanto isso meu marido estava deitado na esteira, com muita dor de cabeça e a febre aumentou muito, o pescoço endureceu, muita dor ele começou a desmaiar muito; o povo que estava em casa deixou ele sentindo dor e a grande maioria foi sepultar a menina; outras pessoas pegaram e levaram ele de cavalo até a estrada e levou a Teixeira; e eu ficava gritando no ar sem saber o que fazer, pedindo os outros pra me acudir, me ajudar”.

“Quando as pessoas chegaram do cemitério chegou a notícia que meu marido morreu. O desespero continuou, eu gritava muito, de repente meu marido mortalhado na casa. Minha outra filha começou a sentir os mesmos sintomas levaram ela pra Teixeira e o povo foi sepultar o meu marido. A minha filha ficou internada. Eu tive que sair de casa primeiro porque lá não ia carro e eu nos dias de ganhar menino não pude ficar lá. Era muitas lembranças a minha filha no hospital. Ai eu fiquei no Juazeiro, na casa dos outros. Era uma epidemia de meningite”.

“Que sofrimento, não gosto nem de lembrar, o único ônibus que tinha a empresa tirou; disse que era até passar esse surto a comunidade ficou mais isolada; só nós com nós mesmo; depois de todas as mortes que aconteceu na comunidade, umas 7, a 9º Dires⁸ apareceu orientando a comunidade para não deixar as portas fechadas, para não dormir muita gente embolada. Como fazer isso se o espaço era só aquele? Não tinha esse tanto de quarto, nem de cama e ninguém de fora nos ajudava”.

“Depois de todo sofrimento eu fui recomeçar sem o meu marido e sem a minha filha; trabalhando sozinha na roça com os outros filhos; como foi difícil. Depois de 5 anos arrumei um outro marido, tive mais 2 filhos com ele; quando os meus filhos ainda estavam pequenos o meu marido sentiu uma dor de cabeça, uma agonia e morreu mais uma vez; fiquei sozinha. A minha história tem muita dor. Mas agora eu já consigo ver um mundo mais tranquilo; estou sozinha com os meus filhos mais continuo na roça trabalhando. Só Deus e eu sabe o quanto sofri. Essas lembranças não se apagam nunca”.

Maria Dominga também não é alfabetizada. Disse que não teve “companheiro” para ir à escola. Sempre viveu na roça e assim aprendeu a se sustentar. Se casou com dezessete; ficou viúva e se casou de novo; tornou a ficar viúva e resolveu “ficar sozinha”. Percebemos através da fala de Maria Dominga que sua maior indignação é em relação a ausência de saúde pública

⁸ 9ª Dires- órgão estadual responsável pela saúde regional-Direção regional de saúde

pela falta de assistência médica. Somente após vários embates se observa mudanças significativas na saúde. Os filhos de Maria dominga também não tiveram oportunidade de estudar porque tiveram de trabalhar na lavoura; a situação ficou mais crítica devido à ausência do pai que aumentou a necessidade dos filhos ajudar a mãe na agricultura familiar.

2.2. Jacinta Maria dos Santos⁹...

Filha de Agnelo Basto e Maria da Conceição, nasceu em Mucuri tem oitenta e seis anos e como ela mesmo diz “não é bem em Mucuri, nasci perto da praia, meu pai e minha mãe é de lá também”. Quando tinha sete anos de idade a família mudou-se para Piruipe¹⁰: “meu pai e minha mãe comprou uma terra lá, todos dizem que eu sou indígena, eu não sou, não fui pegada de cachorro¹¹, eu não sou caça, sempre morei em casa com minha família. Somos nove irmãs. O meu pai nunca disse nada sobre esse negócio de índio”. Ainda segundo Jacinta sempre ouviu dizer que seu pai se parecia com índio.

Jacinta nos informa que sua mãe era muito trabalhadora e ajudava seu pai no sustento da família: “minha mãe vendia beiju, moqueca, mala-pança. Jacinta não estudou porque segundo ela seu pai não deixava: “onde agente morava tinha aula ele não deixava, aprendi mesmo foi no cabo do rodo e da enxada, meu pai não deixava a gente sair de jeito nenhum”. Viveu até com sua família e quando tinha trinta anos casou-se e mudou-se para Vila Juazeiro. Jacinta avalia a situação dos seus filhos e afirma: os meus filhos não estudava porque eles eram ruins; eu mandava mas eles não queriam, só iam se eu fosse e eu não ia não gostava de sair por isso eles não estudavam.

Nas falas de Jacinta fica evidente a presença da influência da família, especialmente da sua mãe, na prática laboral: “eu plantava muito feijão, mandioca, e vendia bem, eu fazia moqueca, só não vendia, minha mãe vendia muito em Nova Viçosa e Mucuri, eu fazia para despesa; também gostava muito mesmo era da roça; eu não costumo com a cidade não, se me chamasse pra roça eu topava, pra cidade de jeito nenhum; eu agora já não aguento mais nada, só fico em cima da cama, mais trabalhei de mais, nunca me interessei com herança, não tenho terra só trabalho na terra. Eu não gosto muito de falar.

¹¹ Entrevista realizada em 18 de março de 2014.

¹² Peruípe é um rio que banha alguns municípios inclusive Ibirapuã, Nova Viçosa e Mucuri e desagua no mar pela Barra de Caravelas

¹¹ A entrevistada afirma que não foi pegada de cachorro, porque costumam dizer que no passado alguns indígenas foram caçados e dominados com auxílio de cachorros, como se caça animais.

Percebemos que ela tem traços fenotípicos de indígena mas não gosta de falar sobre o assunto; em sua fala fica notório quando ela diz não sou pega de cachorro. Também não foi alfabetizada; segundo a mesma, o pai não deixava os filhos estudar e “não deixava sair de jeito nenhum”; é possível que a resistência do pai esteja relacionada com o fato dos filhos descenderem de indígena; mesmo tendo escola perto os filhos não estudavam. Cabe ainda observar que muitas práticas indígenas permanecem na comunidade, com destaque para a produção de beiju, uma prática indígena muito difundida nas comunidades e quilombolas da região.

2.3. Aurelina Américo Barcelos¹²...

Filha de Quirino Américo e Élina Graciliano, sessenta e dois anos de idade, nascida na comunidade de Vila Juazeiro como ela mesmo nos informa: “meu pai tinha uma terra perto de Juazeiro, trabalhava na roça”. Segundo ela era uma moça muito bonita, tinha uma canela muito bonita, seus pais a levavam para o baile e o samba só dava ela, no salão. “Em Juazeiro não tinha energia; as festas eram tocadas de sanfona, era uma alegria, três dias de festa.

Segundo Aurelina, ela não estudou não porque não gostava, mais porque era muito difícil: “não estudei, tinha vontade mas era muito difícil porque tinha que pagar o professor, mas meu pai não tinha condição. Em Juazeiro não tinha professor. Depois é que chegou dona Maurina, a primeira professora que não foi paga pelos pais. Segundo ela não se arrependeu porque o que aprendeu com a mãe era suficiente para sobreviver: “não tenho arrependimento pois aprendi muita coisa com a minha mãe, fazer cocada, moqueca, beiju de coco, mala-pança, bolo de aipim, tirar dendê”.

Ela conta que tinha que ir na roça todos os dias, “*olhar a roça*”. Também fazia farinha, pescava. Casou-se com dezoito anos de idade, com Agnelo, em Juazeiro. Tem dois filhos e continua morando e trabalhando na roça “*muito orgulho*”. “*Não só eu mais os meus dois filhos. Levava eles pra roça montado num jeguinho. Chegava lá colocava eles no meio da terra e continuava a trabalhar. Voltava da roça com os meninos a tarde ou a noite e tinha fazer janta e lavar roupa bem de manhã cedo, para as sete horas da manhã já está na roça. Nunca gostei de chegar atrasada para ir pra roça e essa labuta era constante*”.

¹² Entrevista realizada em 26 de março de 2014.

Segundo Aurelina, sempre interessou para que seus filhos estudassem e também aprendessem a trabalhar na roça: *“quando os meninos ficaram maior, sete anos, mandava pra escola de manhã cedo, e meio dia levava eles pra roça para me ajudar.”*

Ela disse também que sempre gostou de vender as “coisas da terra¹³” nos finais de semana. *“No sábado e domingo ia pra comunidade montar aminha quitanda eu vendo muito bem porque todo mundo gosta das minhas moquecas, dos meus beijus, da queijada e me dar uma grana boa”*. Ela ressalta a importância do aprendizado com a mãe para uma boa sobrevivência: *“se eu não tivesse aprendido com a minha mãe seria difícil porque vivíamos num tempo difícil. A gente era muito fraquinho e até as roupas era as pessoas que dava, pescava muita piaba, comia pirão, buscava lenha no mato e até hoje pesco e até hoje gosto da roça, ela é uma mãe”*. Aurelina ressalta que a mãe dela valorizava a roça, considerando a como uma mãe, de onde retirava o sustento; eu aprendi também a valorizar e cultivar a terra. *Afirma que “minha mãe sempre disse isso nunca despreze a roça eu não consigo ficar sem ir na roça”*.

Ela ainda nos falou como era as festas nesta comunidade dizendo que *“era só alegria, fala com muita satisfação: me lembro das festas com muita alegria, três dias de festas e se alguém de fora brigasse era amarrado no pé de caju e levado no dia seguinte para Ibirapuã ou Barcelona, por soldado que vinha de cavalo para buscar o preso”*. Ainda segundo a entrevistada, *“Juazeiro é uma comunidade boa já foi muito devagar quando não tinha estrada e tínhamos que ir a Posto da Mata a pé ou a cavalo mais mudou muito depois da estrada e um lugar abençoado por Deus. Como gosto de morar nessa comunidade; hoje meus filhos já são casados mas continuam trabalhando na roça; vou todos os dias, só não sábado e domingo que eu vou para a comunidade vender meus quitutes; pra mim é uma felicidade, essa vida de ir na roça e vender as minhas coisas”*, diz ela.

Observa-se que Aurelina tem uma relação com a terra que envolve tradições que foram passadas por sua mãe desde cedo. Para as comunidades quilombolas em geral, e para Vila Juazeiro em particular, a terra representa a valorização de memórias. Essa relação é melhor evidenciada na satisfação de participar das festas onde ela sempre vende seus produtos, os quais ela aprendeu a produzir com sua mãe. A importância também perpassa pela oportunidade de encontrar os amigos e parentes, pois na comunidade quilombola todos ou quase todos são parentes.

¹³ Coisas da terra são os produtos cultivados pela agricultura familiar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas recentes indicam que mais de 15 milhões de africanos foram retirados da África à força para serem escravizados na América e que o destino de mais de 5 milhões desses foram trazidos para a América Portuguesa nos períodos colonial e imperial. Essa população diáspora trabalharam tanto nas lavouras – principalmente de cana de açúcar e de café – bem como na mineração, na criação de animais, nos trabalhos urbanos (Corral 2005, p. 10). No caso das mulheres, além de atuarem nas atividades supracitadas, também atuaram como arrumadeiras, cozinheiras, babás, vendedoras ambulantes, onde faziam doces e quitutes que geravam rendas para seus senhores ou sinhás ou ainda para o “desfrute do sinhô”.

Não é comum encontrarmos na historiografia brasileira a história das mulheres negras. O negro de maneira geral foi invisibilizado; e a mulher negra recebeu a parcela de exclusão que – no modo convencional de operar a construção histórica – sempre coube à mulher, com o agravante de se tratar de mulher negra. Considera-se que as pesquisas atuais têm demonstrado a presença atuante de muitas mulheres negras na resistência e negação da escravidão. Podemos citar como exemplo a revolta de Paty dos Alferes, no Rio de Janeiro em 1838, quando se destacou Mariana Crioula que por sua atuação e liderança tornou-se conhecida como “rainha do quilombo parceira do “rei Manuel Congo; assim como também no Ceará uma escrava conhecida como Tia Ana articulou a revolta que ocorreu em Viçosa em 1835 (Corral, 2005).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Mahtar M’Bow,. *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília, 2ª ed. rev., UNESCO, 2010.

CORRAL, Thais. *Quilombos: espaço de resistência de homens e mulheres negros*. Rio de Janeiro. MEC/REDEH - Rede de Desenvolvimento Humano, 2005.

CARNEIRO, Edson. *Os quilombos na dinâmica social do Brasil* . Macéio; EDUFAL, 2001.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 3. ed. Trad. L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- KI –ZERBO, Joseph. *História Geral da África: Metodologia e pré-história da África*. 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- MUNANGA, Kabengele. *Superando o Racismo na escola*. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n.10, 1993.
- PRADI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo, Hucitec e Edusp, 1991.
- PEDREIRA, Pedro Tomás. *Os quilombos na dinâmica social do Brasil*. Macéio; EDUFAL, 2001.
- POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 01, 1989.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”*. Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil). São Paulo: vértice, 1988.
- SENNA, Adriana Kivanski de e MATOS, Júlia Silveira. *História oral como fonte: problemas e métodos*. Históriae, Rio Grande do Sul, 2011.
- VANSINA, Jan. *A tradição oral e sua metodologia*. São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 2010.